



## A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE “CIDADE IMPERIAL” E SEUS REFLEXOS NO ESPAÇO URBANO DE PETRÓPOLIS/RJ

**MORAES, Nathalia Coelho Sozzi de**

Universidade Federal do Rio Janeiro. Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio  
Av. Pedro Calmon, 550/sl. 433 — Prédio da Reitoria, Ilha do Fundão — Rio de Janeiro — RJ  
nathalia.moraes@fau.ufrj.br

### RESUMO

Petrópolis, conhecida como “Cidade Imperial”, se destaca pelo seu patrimônio cultural com diversos exemplares arquitetônicos de diferentes períodos históricos, muitos dos quais se encontram preservados até os dias atuais. Como paisagem cultural, o núcleo urbano do município vem se resignificando sem perder a força de sua imagem. Entretanto, em função de uma imagem construída socialmente, seus habitantes constroem narrativas onde almejam se encaixar em termos sociais e culturais, enaltecendo e envolvendo Petrópolis em uma aura de nobreza. Estas representações sociais construídas sobre os lugares não se encontram apenas em textos historiográficos, mas também nos edifícios arquitetônicos e no espaço urbano. O objetivo deste trabalho é compreender os significados da “Cidade Imperial” e apresentar seus reflexos no espaço urbano desde sua fundação até os dias atuais. A importância da história da cidade de Petrópolis e o uso de sua arquitetura pela população local e por turistas mostra que sua imagem “imperial” não se trata de algo ligado somente ao comércio e exploração turística, mas sim ao valor dado a essa cidade e suas tradições enquanto um valor simbólico, que se percebe nas subjetividades e no reconhecimento do patrimônio material e imaterial.

**Palavras-chave:** Imagem da cidade; Cidade Imperial; Paisagem urbana; Petrópolis / RJ

### ABSTRACT

*Petropolis, known as “Imperial City”, stands out for its cultural heritage with several architectural examples from different historical periods, many of which are preserved until the present day. As a cultural landscape, the city’s urban core has been re-signifying itself without losing the strength of its image. However, due to a socially constructed image, its inhabitants build narratives where they aim to fit in socially and culturally, praising and enveloping Petropolis in an aura of nobility. These social representations built on places are not only found in historiographical texts, but also in architectural buildings and urban space. The objective of this work is to understand the meanings of the “Imperial City” and to present its reflections in the urban space since its foundation until the present day. The importance of the history of Petropolis’ city and the use of its architecture by the local population and by tourists shows that its “imperial” image is not something linked only to commerce and tourist exploitation, but rather to the value given to this city and its traditions as a symbolic value, which is perceived in the subjectivities and recognition of tangible and intangible heritage.*

**Key words:** Image of the city; Imperial city; Urban landscape; Petropolis / RJ.

## INTRODUÇÃO

Petrópolis é um município serrano do estado do Rio de Janeiro, reconhecido como uma cidade histórica por possuir um conjunto expressivo de elementos arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos edificados desde o período do Império, e muitos dos quais se encontram preservados até os dias atuais.

Esta condição pode ser observada principalmente na área reconhecida como Centro Histórico, que também é o centro comercial, onde se desenvolvem as principais atividades administrativas, de lazer, turismo e cultura. O local é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Conjunto Urbano-Paisagístico desde 1980, enquanto extensão do tombamento original de 1964, que considerava apenas os elementos culturais do eixo da Avenida Köeler.

O trabalho realizado buscou estudar a paisagem cultural deste núcleo urbano, caracterizada pelo local de clima ameno e paisagem natural abundante, em que sua própria história e seu patrimônio cultural têm sido elementos continuamente ressignificados. A associação da imagem de “Cidade Imperial” à ocupação inicial do território pela Família Imperial se apresenta como um tema que é um dos principais elementos de atração turística, e como turismo sempre teve forte presença como atividade econômica local, acaba exercendo grande impacto na vida dos moradores e visitantes, assim como traz reflexos no espaço urbano.

Para a observação do tema proposto, foram feitas pesquisas documental e bibliográfica sobre Petrópolis, delimitando o estudo nos temas do território e da imagem da cidade, investigando sobre as origens, tombamento do patrimônio e paisagem cultural atual. Para tal, foram investigadas teses e livros, assim como instituições de pesquisa e arquivos petropolitanos. Foi realizado também levantamento em campo em que foram observados traços físicos dos lugares, além da utilização de mapas, plantas e registros fotográficos que buscam observar o contexto cultural do local.

Assim, com o estudo da história do município, a observação de suas arquiteturas, de suas diferentes dinâmicas urbanas, suas legislações e atrações, os resultados encontrados apontam que a construção da imagem e suas implicações na paisagem tem se mostrado como um diferencial dentre as diversas possibilidades relacionadas às atividades turísticas, socioculturais e econômicas desenvolvidas na cidade.

## **O PROJETO DA CIDADE DE PETRÓPOLIS**

A história do núcleo urbano original da cidade de Petrópolis está intimamente relacionada à Família Imperial. A antiga Fazenda do Córrego Seco foi uma propriedade adquirida por D. Pedro I em 1830, que reconhecia na região de clima mais ameno o potencial para construir seu palácio de veraneio. Todavia, os planos foram postergados até que seu filho, D. Pedro II assumisse o trono, indo além dos planos originais e construindo não só o Palácio do Imperador, mas planejando todo o povoado que viria a se estabelecer ao redor, a Colônia Imperial.

Em 1843, D. Pedro II arrenda suas terras ao alemão e engenheiro militar Major Júlio Frederico Köeler, que se torna o primeiro Superintendente da Fazenda Imperial. Com o documento intitulado “Recomendações”, Köeler estabelece uma série de diretrizes para a ocupação do território, respeitando a rede hidrográfica composta pelo Rio Palatino, Rio Quitandinha e Rio Piabanha, e a topografia existente, implantando as vias nos vales para evitar o corte dos morros.

As características da urbanização propostas no plano Köeler fizeram de Petrópolis única em vários sentidos: o tamanho dos lotes estreitos e profundos, a disposição das construções nos terrenos e, principalmente, por serem as testadas principais dos lotes voltadas para um rio, o qual não poderia ser usado como esgoto — uso comum da rede fluvial à época. Este conjunto de recomendações visava ao melhor aproveitamento do solo, preservando a natureza local e garantindo melhor qualidade de vida (GUERRA; GONÇALVES & LOPES, 2007).

A primeira planta da cidade (figura 1) é datada de 1846 e contém a área urbana de Petrópolis e seu entorno, dividido em quarteirões destinados à ocupação pelos colonos. Uma segunda planta, também de 1846, detalha em uma escala maior o projeto da Vila Imperial, onde se encontra o projeto do Palácio Imperial e das principais vias, Rua do Imperador, Rua da Imperatriz e Rua D. Afonso, atual Avenida Köeler.

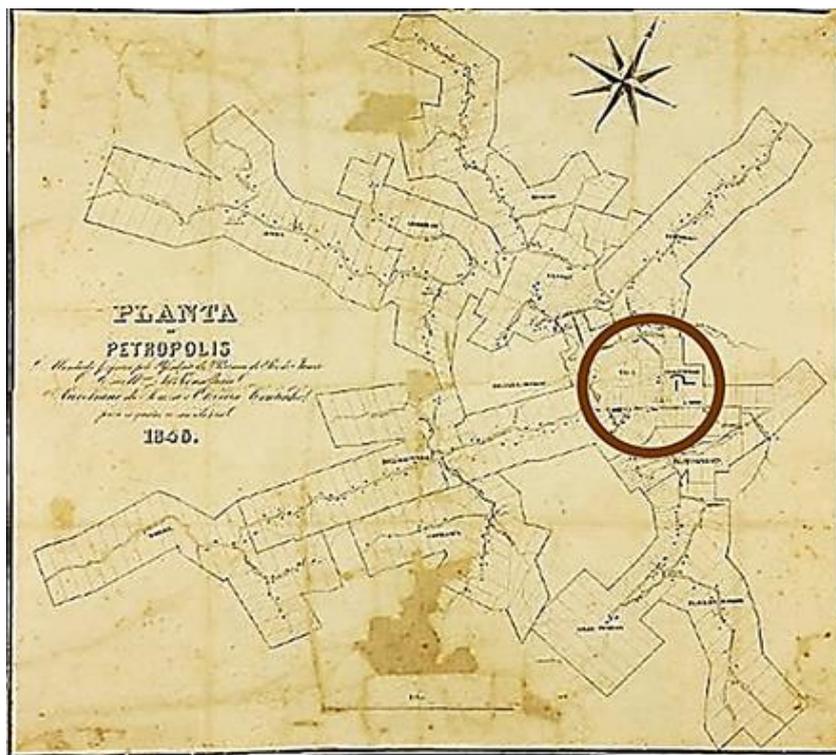


Figura 1 - Planta cartográfica da Imperial Colônia de Petrópolis com destaque para área da Vila Imperial. Fonte: Ibram / Museu Imperial, modificado por Nathalia Moraes (2021)

Como a cidade foi idealizada para ser construída por trabalhadores livres, o processo de imigração de europeus foi incentivado. A colonização germânica foi a mais expressiva, seguida pela italiana, portuguesa, francesa e inglesa. Esta conformação imprimiu diferentes especificidades nos espaços físicos da cidade e trouxe, através de bens materiais e imateriais, diferentes manifestações culturais, atividades e serviços predominantes, festas, valores, hábitos e tradições.

Já na Vila Imperial, os lotes foram divididos em classes, hierarquizados de forma que o valor do solo aumentava quanto mais perto fosse do Palácio Imperial, e teriam sido doados a um grupo de indivíduos escolhido pelo próprio Imperador, amigos e figuras influentes da época, que construíram um conjunto relevante de edificações. O processo de ocupação nesta região privilegiou as atividades residenciais e comerciais. A Rua do Imperador se tornou o polo comercial da cidade, com diversas instalações visando à prestação de serviços que atendessem às necessidades da corte imperial, que ocupava a Rua da Imperatriz e as adjacências (TORRE, 2014).

Em 1889, mesmo com o receio da cidade perder prestígio com a proclamação da República, Petrópolis manteve o estatuto de “cidade de veraneio”, frequentada por políticos, diplomatas e pela elite burguesa ligada à economia do café. Assim, para além da vocação econômica industrial que se sobressaiu nos primeiros anos,

Petrópolis sempre foi referenciada como a cidade que se desenvolveu a partir do fluxo de viajantes desde a época do Império, em que o modelo de passar temporadas na cidade contribuiu para formação do turismo que se instalou na cidade (ANGELO, 2014).

## **LEGISLAÇÃO URBANA E PROCESSOS DE TOMBAMENTO**

A Lei Municipal nº 7.167 de 28/03/2014, que revê e atualiza o Plano Diretor de Petrópolis, instituído pela Lei nº 6.321 de dezembro de 2005, é o instrumento básico da política de desenvolvimento sustentável do Município (PMP, 2014). Seus dispositivos devem ser interpretados observando particularidades do Plano Köeler e suas recomendações, em especial quanto à divisão geográfica da cidade, a função social da propriedade e o respeito à ecologia. Segundo o artigo 5º, o planejamento municipal tem garantida sua implementação e aplicabilidade através do principal instrumento legal, a Lei de Uso, Parcelamento e da Ocupação do Solo (LUPOS).

A LUPOS assegura a plena realização das funções mediante a diferentes fatores como adequada distribuição espacial da população, das atividades socioeconômicas e dos equipamentos urbanos, e proteção, preservação e recuperação do meio ambiente e do patrimônio histórico, artístico, cultural, natural e paisagístico (PMP, 1998). A Lei define também os índices urbanísticos de controle dos usos e densidade de ocupação do solo. Segundo o artigo 11, a zona urbana da cidade de Petrópolis é subdivida em: I – setor residencial (SRE); II – setor de atividades urbano (SAU); III – setor de uso diversificado (SUD); IV – setor histórico (SEH); e V – setor de interesse à proteção (SIP).

A área da antiga Vila Imperial é correspondente hoje ao Centro Histórico de Petrópolis, em que predomina o Setor Histórico (SEH), que contém os imóveis, logradouros, sítios, praças, elementos e monumentos tombados, em conjunto ou isoladamente, pela União, Estado e/ou Município.

A primeira solicitação de tombamento na cidade foi feita pelo presidente do Instituto Histórico de Petrópolis (IHP), em 1962, de modo a evitar a demolição de um palacete eclético construído ainda na época do Império, na Avenida Köeler — o atual Palacete Sergio Fadel, que se tornou sede administrativa da prefeitura municipal — para construção de um conjunto de blocos de apartamento. O argumento da solicitação

consistia em que as novas construções ameaçariam a harmonia da paisagem local. Assim, foi solicitado o tombamento de todo o eixo da Av. Köeler, desde a Catedral até a Universidade Católica.

Em resposta, o IPHAN se colocou contra o tombamento das edificações isoladas, com a negativa de atribuição de valor artístico e/ou histórico às edificações, em sua maioria ecléticas, mas recomendara o tombamento urbano-paisagístico, justamente para preservar a paisagem, visto que se entendeu que o código de obras da cidade de Petrópolis não garantia a sua manutenção (MAURICIO, 2016).

O “Conjunto Urbano-Paisagístico da Avenida Köeler”, foi inscrito no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico em 1964. Segundo Torre (2014), o sentido do tombamento “urbanístico” pretendia preservar as características morfológicas do plano da Vila Imperial, enquanto o sentido de “paisagístico” atribuía valor histórico e cultural para a paisagem natural, a arborização da via e os projetos dos jardins residenciais.

Nos anos seguintes, foram solicitadas pela população através de um órgão local as expansões da área tombada de modo a evitar que o entorno da Avenida Köeler fosse prejudicado pelo crescimento e especulação imobiliária. Foram estudadas pelo IPHAN as residências de personagens importantes, que não apenas eram revestidos de valor de testemunho histórico, mas mantinham, também, o equilíbrio da paisagem. Em 1980, foi decidida a inscrição da extensão do tombamento do Conjunto da Köeler para toda a área reconhecida como Centro Histórico (MAURICIO, 2016).

Também houve mobilização popular para serem realizados estudos para o reconhecimento e proteção de diversos bens em Petrópolis que não eram tombados pela instância federal ou municipal. Coordenado pelo órgão de planejamento metropolitano do Estado, o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) produziu um trabalho técnico de elaboração de um inventário dos bens arquitetônicos e de proteção ao patrimônio ambiental urbano de Petrópolis. O tombamento definitivo efetivado pelo Estado foi no ano de 1998 e possui uma maior extensão e diversidade de ambientes, envolvendo as edificações que conservassem elementos característicos da vida dos imigrantes e os conjuntos fabris, contabilizando dezoito conjuntos localizados no primeiro distrito. O conjunto é caracterizado por seus ambientes natural e construído, nos quais se destacam as edificações datadas das primeiras décadas do século XX (INEPAC, 1998).

## **CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA CIDADE**

O processo de construção de uma imagem específica em cidades brasileiras que se tornaram centros de atração turística, com suas imagens vinculadas à tematização da própria história, passa por diversos elementos e práticas, mas em que se destaca especialmente a relação com o espaço construído e como as pessoas se relacionam com ele, seus usos e sua construção simbólica (FAGERLANDE, 2015).

A ideia de “imagem da cidade” mostra como, através de um estudo mais aprofundado da história de cada lugar, pode-se chegar ao entendimento do processo de construção de sua imagem. Sabemos que o espaço construído é um reflexo da sociedade, mas é, também, em via de mão dupla, um formador ativo da identidade humana, como diz Weisman (1992). Segundo a autora, o espaço construído é uma linguagem social e dinâmica que tende a refletir as condições de poder de certos grupos em detrimento de outros. Assim, o processo de identificação aos espaços constrói narrativas que vão sendo assimiladas pela população enquanto [re]escreve sua história e molda, em seus habitantes, as formas de reconhecerem-se a si mesmos.

Segundo Daniel Gevehr (2014), as representações sociais construídas sobre os lugares não se encontram apenas em textos historiográficos, mas também em diferentes formas de narrativa, como os diversos discursos, os textos literários, as pinturas, os museus, as narrativas cinematográficas, entre outras.

Em função de uma imagem construída socialmente, algumas cidades desenvolvem “escolhas espaciais” enquanto seus habitantes constroem narrativas onde almejam se encaixar em termos sociais e culturais, promovendo o reconhecimento de si mesmos dentro de um contexto temporal, social e cultural. A arquitetura se mostra no contexto cultural da cidade como um importante documento para análise destas representações construídas sobre o cenário e os personagens centrais da história, nos fazendo refletir a respeito do contexto em que cada narrativa se insere, e principalmente, sobre os propósitos que levam a contar a história dessa ou daquela perspectiva.

De acordo com Pollak (1992), as edificações participam da construção da identidade dos indivíduos e dos grupos sociais no momento em que a memória é acionada – seja para garantir orientação espacial, fazer referência a outros lugares visitados ou simplesmente para reavivar lembranças de fatos pessoais ou provenientes da história

pública que ocorreram naquele espaço, garantindo a sensação de pertencimento a uma cultura e a um tempo histórico. Neste sentido, as edificações, assim como outras produções humanas, se tornam elementos simbólicos e sua preservação na cidade enquanto representação da sociedade pode estar vinculada a processos de inclusão ou exclusão social.

Para além dos significados e valores atribuídos ao patrimônio cultural, é necessário também compreender a relação entre o turismo e a cidade, em que esta atividade pode ser transformadora e estabelecer relação positiva ou negativa com as sociedades locais. No debate sobre a relação entre cultura e turismo, de um lado considera-se que a defesa do patrimônio deve ser feita primeira e diretamente com a comunidade à qual ele está ligado, enquanto de outro, vê-se na atividade turística, de forma controlada, uma oportunidade para preservar e conservar o patrimônio, tanto pela justificativa de uso, quanto pelo lucro que traz.

Ao falar sobre o turismo e a cidade, Urry (2001) aponta definições sobre a maneira como a imagem e o turismo vem se tornando atividades próximas, e como os lugares ligados à esta atividade se tornaram lugares de consumo e o próprio turismo se tornou uma mercadoria, constituindo-se em objeto de consumo em grande escala.

Segundo Choay (2011), uma das problemáticas contemporâneas acerca do patrimônio cultural consiste em um processo de mercantilização do patrimônio edificado, em que o turismo contemporâneo e seu potencial transformador das cidades pode apropriar-se do passado, recriar memórias, construir novos cenários a serem consumidos por turistas. Para combater este problema, a autora afirma ser necessária uma abordagem educacional e de formação, através da aquisição de saber e exploração multissensorial do espaço construído, contando com a participação coletiva e local na produção de um patrimônio vivo fortalecendo todas as identidades regionais.

Em muitas cidades acabam sendo construídos cenários para o turismo, como uma maneira de representar na arquitetura diferentes temas, em que cidades turísticas são mais valorizadas quando associadas a paisagens e situações geográficas naturais específicas, e assim, esse processo atende às demandas atuais, com reflexos na urbanização e configuração da paisagem urbana:

No Brasil, este processo de construção de imagem ligado à arquitetura que busca uma imagem europeizante e de países frios está relacionado não somente à tradição cultural destes lugares, mas a uma ideia de montanha, clima frio, segurança e conforto que os países europeus transmitem. (FAGERLANDE, 2015, p.49)

É necessária a compreensão que o estabelecimento deste cenário faz parte de uma cultura do turismo, entre os quais estão os cenários ligados à paisagem europeia. Esse critério é encontrado em outras cidades que também se fortalecem pelo passado de ocupação por colônias estrangeiras e pela paisagem natural dos lugares onde isso acontece, em geral, nas regiões serranas, como nas cidades de Gramado, Penedo e Petrópolis (FAGERLANDE, 2015).

### **IMAGEM DA “CIDADE IMPERIAL”**

A sociedade petropolitana relaciona intrinsecamente sua identidade com a Família Imperial, que contribuiu para que a cidade de Petrópolis iniciasse seu desenvolvimento e rapidamente alcançasse importância política, econômica e cultural. Desde meados do século XIX, observa-se que parte das narrativas construídas sobre o passado procurou induzir no imaginário das pessoas uma cidade vista por meio de um prisma que a envolve em uma aura de nobreza e solidifica certas imagens sobre esse passado idealizado. Essa visão que prioriza certos personagens centrais e os coloca em um patamar diferente, colabora para uma visão distorcida da realidade e muito contribui para a difusão de um conhecimento parcial e acrítico da realidade.

Uma tendência ocorrida a partir dos anos 1970, segundo Fagerlande (2015), aponta para um processo global em que instituições governamentais locais e moradores passaram a mobilizar esforços para atrair turistas para suas cidades, combinando transformações nas estruturas urbanas e arquitetônicas que ressignificaram e revalorizaram suas próprias histórias e tradições locais.

Paralelamente ao processo de tombamento de parte do município pelo IPHAN, em 1978 surge um projeto de lei federal com o intuito de atribuir à Petrópolis o título de “Monumento Nacional”. A proposta apresentava como justificativa à preservação a contenção da aceleração de um progresso visto como negativo, em que a construção de prédios modernos prejudicava a imagem de valor histórico, artístico e natural resguardada até então na cidade. O IPHAN ao analisar a cidade, emitindo seu parecer

sobre as regiões que deveriam ser tombadas e a validade do projeto de lei, recomendou “a troca do título de ‘Monumento Nacional’ para ‘Cidade Imperial’, por ser mais adequado à dinâmica do Município” (MAURÍCIO, 2016, p.200).

Nota-se ao longo deste trabalho que, desde suas origens, Petrópolis vem utilizando seus elementos culturais e história local para criar sua imagem de Cidade Imperial, e correspondendo atualmente a uma expectativa turística, possibilita manter economicamente e preservar o patrimônio arquitetônico, urbano e natural.

## **RESULTADO NA PAISAGEM PETROPOLITANA**

Sabe-se que as relações emocionais das/nas cidades são constituídas por meio da percepção ambiental, em que o ser humano tem apreensão do espaço de forma multissensorial, despertando memórias e afetos. Segundo Kanashiro (2003), o senso de lugar e das relações do ser humano com o seu meio delineiam a riqueza de sensações nas cidades.

Um dos caminhos para entender os diversos significados encontrados em uma cidade passa pela relação com o turismo, relação esta que vem sendo influenciada cada vez mais sobre como essa atividade turística se baseia na visualidade e na imagem. Urry (2001) considera o olhar do turista como formador de toda estrutura ligada à atividade turística e tem uma especial preocupação com a cidade e a maneira como ela é percebida, inicialmente através da visualidade, mas também através de outros sentidos.

Os aspectos da “Cidade Imperial” são enaltecidos pelo seu patrimônio cultural edificado (figura 2), com grandes casarões, palacetes e monumentos utilizados para encontros políticos, artísticos e sociais historicamente, produzindo um espaço urbano bem singular em comparação com aquele encontrado em outras cidades da região. Muitas destas edificações originais foram preservadas e encontram-se em bom estado de conservação, transmitindo a concepção de autenticidade.



Figura 2 – (a) Vista da Praça da Liberdade para a Catedral São Pedro de Alcântara pelo eixo da Avenida Köeler. (b) Obelisco e edifícios da Rua do Imperador. (c) Museu Imperial localizado na Rua da Imperatriz. Fonte: Acervo pessoal (2021).

A autenticidade do núcleo urbano histórico de Petrópolis é um grande diferencial de valorização da paisagem, pois, diferentemente de muitas cidades que tiveram a necessidade de desenvolver suas imagens como cidade de fundação europeia de maneira mais intensa para ser utilizado como diferencial turístico, por aqui não se encontra este tipo de “arquitetura cenarizada” (FAGERLANDE, 2015), mesmo que haja propensão pela tematização “imperial”.

Entretanto, a imagem de Cidade Imperial que busca envolver Petrópolis em uma aura de nobreza apresenta reflexos tanto em seu espaço construído quanto na visão de mundo de seus habitantes. É notável que as políticas de gestão do patrimônio cultural em Petrópolis buscam estabelecer esta narrativa afirmando tal identidade para comunicação externa, voltadas principalmente ao turismo.

Assim, observamos o processo cada vez mais frequente na cidade que diz respeito à mudança de uso residencial das edificações para outros usos como museus, restaurantes, pousadas e outras instituições de uso público, em que a manutenção da arquitetura de antigos casarões representantes da nobreza e das elites, em sua maioria de estilo neoclássico e eclético classicizante, procuraram preservar ao máximo as formas e estruturas originais.

Ao mesmo tempo, podemos observar que o mesmo respeito à materialidade, técnicas construtivas e bens culturais integrados não é dado a arquiteturas de outros períodos históricos e estilos arquitetônicos, como aos sobrados coloniais e art-deco, por exemplo (figura 3). Nestes exemplares, muitas vezes vemos processos de descaracterização da arquitetura tipológica, sujidade, instalações elétricas

inadequadas que podem até ocasionar acidentes maiores, como resultado da falta de uma fiscalização e educação patrimonial mais abrangente e democrática.



Figura 3 – (a) Sobrado art-deco descaracterizado, localizado na Rua do Imperador. (b) Instalações elétricas inadequadas na Rua Washington Luiz. (c) Sobrado colonial com sujidade na Rua do Imperador. Fonte: Acervo pessoal (2021).

Um processo menos frequente, mas que não passa despercebido, é a cenarização como estratégia de construção de imagem em situações com origens e inserções distintas. Assim, surgem elementos arquitetônicos que fazem alusões à imagem imperial, seja pelo nome dos estabelecimentos, seja pela representação arquitetônica neoclássica, mas que não apresentam valor histórico (figura 4).



Figura 4 – (a) Pórtico de acesso à cidade. Fonte: Acervo pessoal (2020). (b) Hostel Vin Imperial. Fonte: Booking.com (2021)

Outras consequências trazidas na paisagem de Petrópolis dizem respeito às políticas de proteção do patrimônio que envolve apenas edificações do Centro Histórico, em um processo que ignora a importância dos bairros característicos da imigração dos diversos colonos europeus. As relações culturais de costumes e tradições foram

demarcando áreas e formando outras comuns que se definiam por meio das necessidades de sobrevivência:

A transmissão de tradições, de hábitos e valores entre as gerações de pessoas que habitam o lugar interage com as práticas de sobrevivência econômica, social e cultural, à medida que constrói sua realidade com base em um universo de representações. A própria denominação de ruas, lojas e demais representações temporais são elos de formação simbólica, mesmo após a Proclamação da República e o exílio da família imperial (ANGELO, 2014, p.268).

Ao pensar na construção destes espaços geograficamente edificados, tem-se a distribuição em bairros, onde as concentrações dos grupos foram sendo organizados dentro de uma dinâmica espacial e cultural específica. Assim, dos/aos imigrantes foram atribuídos sentidos que estão intrinsecamente ligados às festas culturais que, de certa forma, enfatizam as diferenças culturais dos grupos de imigrantes e são mais um fator de atração turística.

Quanto à herança germânica, a mais expressiva na cidade, para além da descaracterização urbana dos quarteirões e dos poucos elementos arquitetônicos originais restantes, a forte presença de descendentes e a manutenção de algumas tradições e costumes, principalmente à culinária e indústria cervejeira, levou à cidade de Petrópolis a estimular também esta temática em associação ao turismo. Alguns elementos passaram a ser cenarizados, como a arquitetura de estilo normando, à exemplo do Palácio Quitandinha (figura 5a).

Entretanto, a maior representação desta cultura diz respeito à criação do festival étnico e cultural intitulado “Bauenfest”, ou Festa do Colono Alemão, que ocorre desde 1989 e considerada a segunda maior festa do tema no Brasil. Sua origem remonta ainda o início do século XX, em que descendentes dos colonos organizavam quermesses com música, danças e pratos tradicionais. Atualmente a realização da festa é nos arredores do Palácio de Cristal, e movimenta milhares de turistas e milhões de reais, em que se destaca a apresentação de grupos de danças folclóricas e a culinária alemã (figura 5b).



Figura 5 – (a) Palácio de Cristal em dia de Bauernfest. (b) Hotel Quitandinha em dia de Natal Imperial. Fonte: Sou Petrópolis (2019)

Notoriamente nem todos os grupos foram privilegiados neste processo. Além da cultura germânica, a cultura italiana também criou laços típicos das regiões que vieram com as partes da cidade onde se estabeleceram. Com o fracasso da colônia agrícola, teve início o processo de industrialização de Petrópolis, que se tornou um centro de atração de investimentos em companhias têxteis. Apesar de possuir um valioso acervo da arquitetura industrial, as edificações vêm sendo deixadas à sua própria sorte, transformando-se em ruínas, estacionamentos ou fomentando ações e ocupações irregulares. Mesmo assim, por conta da tradição turística das festas étnicas, em setembro celebra-se a Festa da Itália intitulada “Serra Serata”, em homenagem aos imigrantes e descendentes de colonos italianos, em que ocorre shows musicais, danças, exposição de fotos e vendas de comidas típicas.

A partir da análise sobre alguns aspectos da paisagem e do patrimônio material e imaterial encontrados na cidade, o resultado desta pesquisa aponta para a conhecimento e reconhecimento não só da identidade imperial, mas de outras identidades encontradas no espaço urbano como determinantes do turismo cultural e sua preservação como aspectos de representação da cultura petropolitana.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A construção da imagem e suas implicações na paisagem tem se mostrado como um diferencial dentre as diversas possibilidades relacionadas às atividades desenvolvidas em uma cidade, em que o turismo vem se destacando como fator de ressignificação do espaço. Trata-se de uma maneira de estabelecer um interesse que seja, ao mesmo tempo, ligado às culturas locais e à competitividade econômica da cidade.

Vivemos em uma sociedade cada vez mais crítica e exigente quanto à contemporização do seu patrimônio e quanto aos novos conhecimentos,

necessidades e tecnologias, de forma respeitosa à autenticidade, percepção e materialidade. Para além de contemplar o quão se torna importante os espaços históricos como este centro urbano, esta pesquisa aprecia a estética de tais objetos, observa e discute sua essência, analisa o impacto social dentro e fora destes edifícios e o que faz com que sejam de grande complexidade de entendimento.

A importância da história da cidade de Petrópolis foi transposta para a imagem “imperial” que se buscou dar-lhe, sem comprometer a autenticidade de suas edificações no meio urbano histórico. O uso dessa arquitetura pela população local e por turistas, e sua apropriação como algo de valor mostra que não se trata de algo ligado somente ao comércio. O valor dado a essa cidade e suas tradições também se junta a um valor simbólico, que se percebe e se reconhece no patrimônio imaterial.

O potencial risco negativo à materialização da imagem da “Cidade Imperial” compreende como o processo de identificação se liga estreitamente às relações de poder, em que acabamos por excluir grupos e indivíduos do acesso aos bens sociais e simbólicos. Avalia-se que é necessário que o espaço cultural de Petrópolis suscite reflexões sobre questões ligadas à sociedade, promovendo o desenvolvimento humano, e sobretudo, contribuindo com a formação de subjetividades capazes de pensar Petrópolis, no presente e no futuro, valorizando sua história.

Assim, fica cada vez mais claro que a participação popular de diversos setores dessas comunidades em estabelecer critérios adequados com relação à arquitetura, urbanismo, uso das tradições e de como os eventos interferem na vida das cidades e de seus moradores. A necessidade de entender cada vez mais a própria história pode ser um dos fatores que ajudem nesse processo, pois a partir do conhecimento do passado e do estímulo à valorização de suas raízes as populações podem melhor decidir os caminhos que querem para suas vidas.

Uma das medidas que poderiam ser tomadas para a maior compreensão deste espaço é a implantação e planejamento do turismo cultural sustentável, através de uma abordagem de educação patrimonial, com a criação de diferentes roteiros temáticos que abarcaria todas as potencialidades da região, incluindo: identificação de pontos turísticos e equipamentos urbanos, sensibilização das comunidades locais, documentação histórica, inventário do patrimônio, organização dos empreendedores, planejamento de atividades dinamizadoras e elaboração de material de divulgação.

Ao construir imagens ligadas às tradições, mas sustentadas pelas atividades comerciais, não se deve esquecer das ligações com a cultura local, estimulando atividades que, mesmo não sendo comerciais, necessitam permanecer como exemplos dessa cultura. A cidade é Imperial, mas é viva na contemporaneidade, suscitando o estímulo ao olhar mais diverso neste espaço urbano.

## REFERÊNCIAS

ANGELO, E. R. B. **Identidades, Festas e Espaços dos Imigrantes em Petrópolis, RJ, e suas relações com a história do turismo e da cidade.** In: Rosa dos Ventos, v.6 n.2, abril-junho, 2014, pp. 263-279. Universidade de Caxias do Sul: Caxias do Sul, Brasil.

CHOAY, F. **O patrimônio em questão: antologia para um combate.** Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2011.

FAGERLANDE, S. M. R. **A construção da imagem em cidades turísticas: tematização e cenarização em colônias estrangeiras no Brasil.** 1 ed. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2015.

GEVEHR, D. L. **A crise dos lugares de memória e dos espaços identitários no contexto da modernidade: questões para o ensino de história.** In: Revista Brasileira de Educação, v.21, n.67, p.18: Taquara, 2016.

GUERRA, A. J. T.; GONÇALVES, L. F. H.; LOPES, P. B. M. **Evolução Histórico-Geográfica da Ocupação desordenada e movimentos de massa no município de Petrópolis, nas últimas décadas.** In: Revista Brasileira de Geomorfologia, v. 8, n.1, p.35-43, 2007.

INEPAC - INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL. **Conjuntos de bens tombados no primeiro distrito de Petrópolis: Conjunto urbano-paisagístico da rua do Imperador e adjacências.** Disponível em: <[http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/bens\\_tombados/detalhar/202](http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/bens_tombados/detalhar/202)>. Acesso em: 29 de setembro de 2021.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Petrópolis (RJ).** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/382/>>. Acesso em: 29 de setembro de 2021.

KANASHIRO, M. **A cidade e os sentidos: sentir a cidade.** In: Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 7, p. 155-160, jan./jun. 2003. Editora UFPR.

MAURICIO, M. M. **Teoria e prática da compatibilidade de usos do patrimônio: a realidade de Petrópolis, RJ.** In: Museologia e Patrimônio – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (vol. 9, nº 2). UNIRIO | MAST, 2016, p. 196-211

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro., vol.5. N.10, 1992. Pp 200-212.

PMP – PREFEITURA MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS. **Lei Municipal nº 5393 de 25/05/1998: Lei de Uso, Parcelamento e Ocupação do Solo (LUPOS) do Município de Petrópolis.** Disponível em <[https://www.petropolis.rj.gov.br/sma/legislacao/lei\\_5393.php](https://www.petropolis.rj.gov.br/sma/legislacao/lei_5393.php)>. Acesso em: 01 de junho de 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei Municipal nº 7167 de 28/03/2014: Revisão do Plano Diretor de Petrópolis.** Disponível em: < <https://web2.petropolis.rj.gov.br/sde/petropolisparatodos/files/plano-diretor-de-petropolis.pdf>>. Acesso em: 01 de junho de 2021.

TORRE, T. **A gênese da permanência: o conjunto urbano e paisagístico da Avenida Koeler e seu estatuto de patrimônio nacional/** Thaísa Torre. – Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2014.

URRY, J. **O olhar do turista.** São Paulo: Editora Studio Nobel, 2001.

WEISMAN, L. K. **Discrimination by design.** University of Illinois. Illini Books Edition, 1992.